

RECURSOS HÍDRICOS E USO DO SOLO EM ÁREAS AGRÁRIAS: um breve histórico ambiental da região urbana do Barreirinho, Ibitaré, Grande BH

VAGNER LUCIANO DE ANDRADE¹

FLÁVIO MOREIRA DA SILVA²

(coautor)

RESUMO: Nas metrópoles, estão o sucesso ou o fracasso, a sorte ou a azar? Uma série de dualidades se enveredam entre cidadãos e camponeses, num mundo cada vez mais urbanizado. As expressões Rural e Urbana assinalam duas configurações de organização espacial muito debatidas na nossa época. Tradicionalmente, até pouco tempo atrás, o ambiente rural era tido como lugar da decadência, ao passo que o mundo urbano cogitava a atualidade. Atualmente, estes assuntos estão defasados. Sobre esse estereótipo apegado ao espaço rural, o presente texto disserta sobre os motivos que levaram a coletividade a formular essa visão dicotômica. Um dos mais graves problemas sociais da modernidade com relação aos ambientes urbanos está no desenvolvimento caótico das cidades. Esta temática mostra-se notadamente grave nas periferias e favelas que presentemente se consolidam como lugares de exclusão. A partir de um recorte especial, em Ibitaré, estado de Minas Gerais discutem-se medidas, ecológicas e culturais se adotadas, auxiliariam a combater o aumento dos bolsões de miséria. Assim, agricultores familiares, agroextrativistas familiares, assentados da reforma agrária, comodatários, empreendedores familiares rurais, habitantes de faxinais e de vilas, meeiros ou arrendatários, pescadores e aquicultores, posseiros, povos indígenas, produtores familiares e quilombolas, dentre outros protagonizarão ciclos de emancipação e empoderamento que historicamente lhes foi tirado e negado. Por outro lado, a urbe deve promover um maior cuidado em termos de justiça social no sentido de se rever e reverter a degradação dos ambientes urbanos e dos espaços associados. A cidade sempre influenciou direta indiretamente camponeses e isso se mostra preocupante, uma vez que hoje, parcialmente quase que unânime, a população de Planeta Terra é majoritariamente urbana. Assim, é preciso olhar especial para a urbe, para seus recortes urbanos, no sentido de se a qualidade de vida e ao desenvolvimento urbano.

Palavras-chave: Agroecologia; Campesinato; Urbanização.

ABSTRACT: In the metropolises, are there success or failure, luck or misfortune? A series of dualities are involved between city dwellers and peasants, in an increasingly urbanized world. The expressions Rural and Urban indicate two configurations of spatial organization much debated in our time. Traditionally, until recently, the rural environment was seen as a

¹ Graduação em Biologia pelas Faculdades Integradas de Ariquemes - RO (2018), Geografia pelo Centro Universitário de Belo Horizonte - MG (2007), Gestão Ambiental (2019) e História (2018), ambas pelo Centro Universitário de Maringá - PR com formação na área de Ecologia, Educação e Patrimônio. Discente dos cursos de Agronomia pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (SC) e Gestão em Agroecologia pela Universidade de Taubaté (SP)

² Graduação em Geografia / Licenciatura plena Faculdade Pedro II (Belo Horizonte).

place of decadence, while the urban world considered the present. Currently, these matters are outdated. About this stereotype close to the rural space, the present text talks about the reasons that led the collectivity to formulate this dichotomous vision. One of the most serious social problems of modernity in relation to urban environments is the chaotic development of cities. This issue is notably serious in the peripheries and slums that are currently consolidated as places of exclusion. From a special point of view, in Ibirité, state of Minas Gerais, measures, ecological and cultural, if adopted, would help to combat the increase in pockets of misery. Thus, family farmers, family agro-extractivists, agrarian reform settlers, borrowers, rural family entrepreneurs, inhabitants of faxinais and villages, sharecroppers or tenants, fishermen and aquaculture farmers, squatters, indigenous peoples, family producers and quilombolas, among others, will be protagonists in cycles of emancipation and empowerment that has historically been taken away and denied them. On the other hand, the city must promote greater care in terms of social justice in order to review and reverse the degradation of urban environments and associated spaces. The city has always directly and indirectly influenced peasants and this is worrying, since today, partially almost unanimously, the population of Planet Earth is mostly urban. Thus, it is necessary to take a special look at the city, at its urban outlines, in the sense of improving the quality of life and urban development.

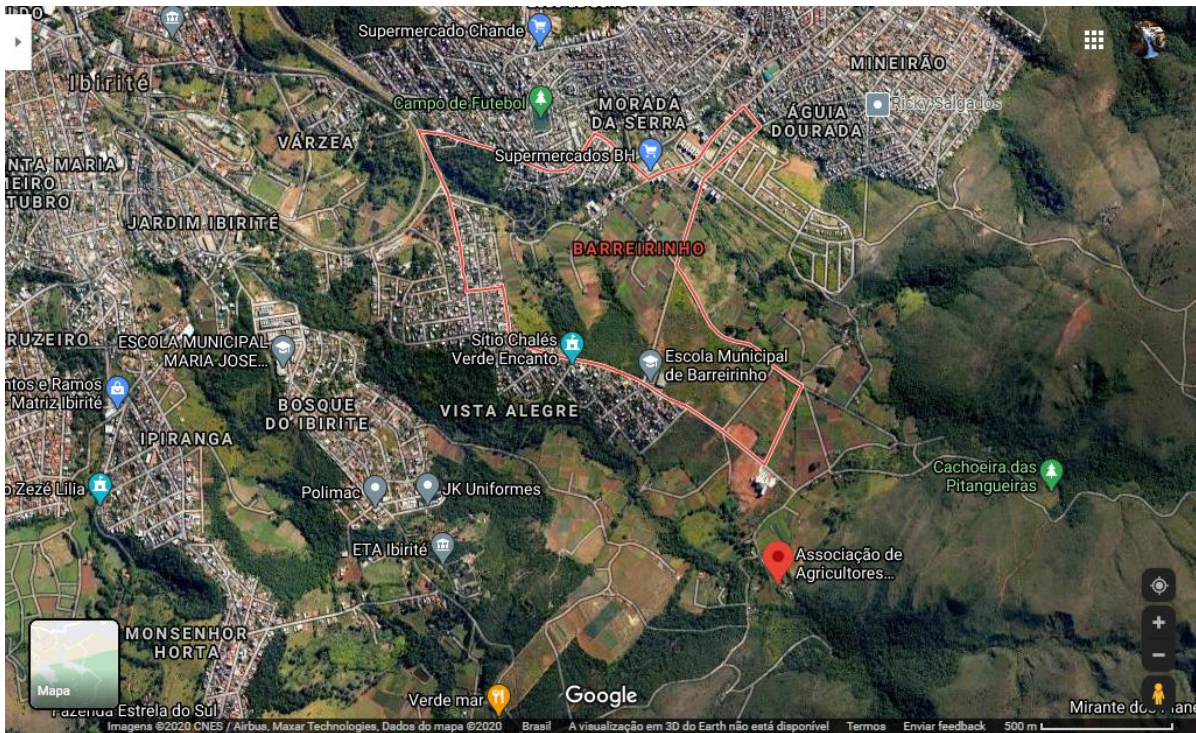
Keywords: Agroecology; peasantry; Urbanization.

INTRODUÇÃO

A agricultura é mais do que meramente semear e colher. A atividade conglomerada aquisição de energia, remédios, instrumentos, fibras, matéria-prima para trajes, entre outros. Devido à atualização tecnológica e o advento de instrumentos modernos nas extensões de cultura, a lavoura se reparte em dois tipos: a tradicional e a moderna. A tradicional, chamada de subsistência em determinadas regiões, é percebida como aquela perpetrada há milhares de anos e que iniciou-se com os camponeses das antigas civilizações e sociedades indígenas. Nessa atividade, há o costume da mão de obra direta, sem interferência de maquinário, assim como priorizam o uso de recursos naturais na ampliação do trabalho. Atualmente, agricultura tradicional é arranjada em pequenos domínios e comumente são propostas exclusivamente à estabilidade das famílias que exercem o cultivo. Os produtos não são negociados em grande escala. Além disso, o solo ganha um tratamento distinto nesse tipo de lavoura, pois não é usado grandes quantidades de agrotóxico ou composto que apresse a produção das sementeiras cultivadas. Esta particularidade significa uma adequada escolha para ter produtos mais benéficos. Já a agricultura moderna é um procedimento mais sofisticado e estruturado, pois emprega maquinários e planejamentos, em larga escala. Essa atividade nasceu na Revolução Industrial e objetiva, sobretudo, o fornecimento de múltiplos produtos para serem comercializados, assim como apressar o desenvolvimento das sementes plantadas. Essa técnica promoveu a saída de muitos produtos em um curto espaço de tempo e por um preço relativamente lucrativo. Em compensação, o uso de adubos alargou-se tanto, que os itens produzidos exibiam características de qualidade mais baixa, já que tinham deixado de ser tão naturais como antes, devido à pluralidade de insumos. A produção rural envolve diferentes e complexas etapas que se iniciam nos cultivos agrícolas e termina nas

feiras e mercadinhos. Mas as paisagens de subsistência encontram-se cada vez mais ameaçadas da próxima desapareção. É neste contexto que se apresenta, o Barreirinho (Figura 01), localidade rural em urbanização localizada na zona leste do município de Ibitaré, na área de amortecimento do Parque Estadual da Serra do Rola Moça. Juntamente com as localidades de Bálsamo e Rola Moça, guardam as últimas áreas de nascentes e cultivos aos pés da respectiva serra, próximos a importantes mananciais.

Figura 01 - Imagem de Satélite do Barreirinho



Fonte: [https://www.google.com/maps/place/Barreirinho,+Ibitaré%2C+MG,+32400-000/@-20.0326585,-](https://www.google.com/maps/place/Barreirinho,+Ibitaré%2C+MG,+32400-000/@-20.0326585,-44.0475735,2802m/data=!3m2!1e3!4b1!4m5!3m4!1s0xa6b94a78e30845:0x9f648ced948df556!8m2!3d-20.0314169!4d-44.0377657?hl=pt-BR)

[44.0475735,2802m/data=!3m2!1e3!4b1!4m5!3m4!1s0xa6b94a78e30845:0x9f648ced948df556!8m2!3d-20.0314169!4d-44.0377657?hl=pt-BR](https://www.google.com/maps/place/Barreirinho,+Ibitaré%2C+MG,+32400-000/@-20.0326585,-44.0475735,2802m/data=!3m2!1e3!4b1!4m5!3m4!1s0xa6b94a78e30845:0x9f648ced948df556!8m2!3d-20.0314169!4d-44.0377657?hl=pt-BR)

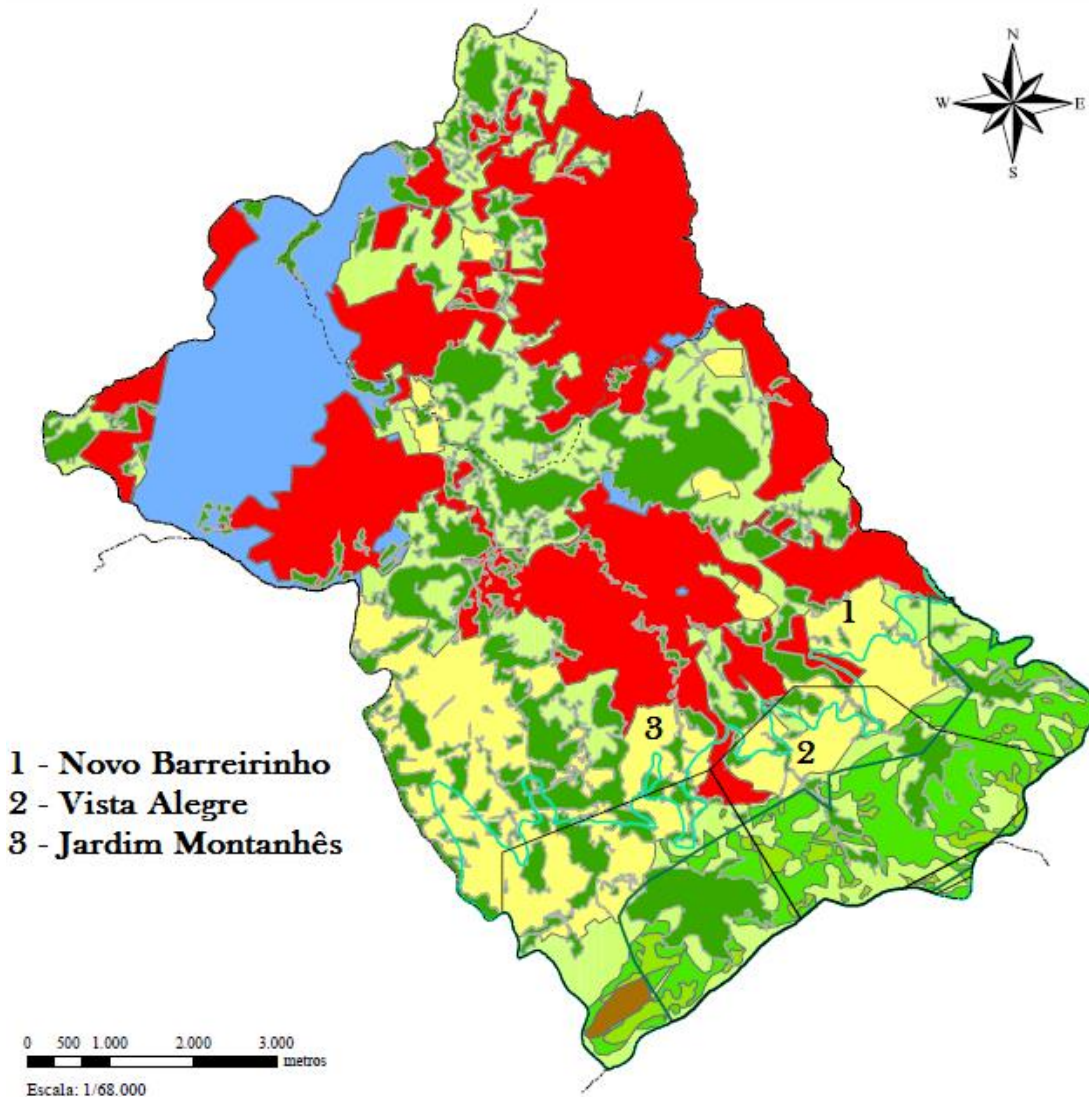
A urbanização que gera a extinção da cultura e da paisagem camponesa é algo emergencial a ser discutido. Contrapondo-se ao tradicional modelo baseado nos grandes proprietários rurais é emergencial fortalecer iniciativas de desenvolvimento territorial sustentável, para se resguardar a ampla diversidade de sujeitos sociais que legitimam o Brasil como grande nação. Assim, agricultores familiares, agroecólogos urbanos, agroextrativistas familiares, assentados da reforma agrária, comodatários, empreendedores familiares rurais, habitantes de faxinais e de vilas, meeiros ou arrendatários, pescadores e aquicultores, posseiros, povos indígenas, produtores familiares e quilombolas, dentre outros protagonizarão ciclos de emancipação e empoderamento que historicamente lhes sido tirado e negado. Neste contexto, onde o agronegócio se contrapõe à pequena agricultura, o que se nota é a extinção gradativa dos modos de produção, dos saberes e fazeres, das tradições e legados, condenando à extinção seres humanos e suas histórias pessoais de vida e existência, enquanto sujeitos sociais. Fora das grandes áreas engolidas pelo avanço assustador do agronegócio, encontra-se também a extinção de cultivos

agrícolas, em sua maioria, familiares e tradicionais, que são expurgados, da noite para o dia, por empreendimentos minerários ou urbanizadores.

CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

A Grande BH é a terceira maior aglomeração urbana do país, estando atrás apenas de São Paulo e Rio de Janeiro. A capital mineira ocupa o posto de sexta maior cidade do país, em termos populacionais, atrás de São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Salvador e Fortaleza totalizando mais de dois milhões e 500 mil cidadãos. Disponibilizar água potável para este cenário, não é tarefa fácil, sendo o mesmo operado, por uma empresa pública estadual denominada COPASA - Companhia de Saneamento de Minas Gerais. Atualmente todo o sistema é composto por três represas (Rio Manso, Serra Azul e Várzea das Flores) mais sete reservatórios: Balsamo, Barreiro, Catarina, Cercadinho, Fechos, Mutuca e Rola Moça, todos localizados a oeste e ao sul de Belo Horizonte. Com exceção de Várzea das Flores, em vias de total comprometimento, devido à expansão urbana desordenada em sua bacia, os demais são áreas especiais de preservação, com acesso restritivo aos funcionários, e visitas, em caráter de excepcionalidade. Todas estas áreas preservam remanescentes florestais e nascentes, com grau máximo de qualidade de água e resultaram de ações governamentais na década de 1980, quando foram transformadas legalmente em áreas de proteção, denominadas de APE - Área de Proteção Especial, uma tipologia, que não foi inserida e nem citada no SNUC - Sistema Nacional de Unidades de Conservação. Os mananciais Balsamo, Barreiro, Catarina, Fechos, Mutuca e Rola Moça, encontram-se protegidos desde 27 de setembro de 1994 pelo Parque Estadual da Serra do Rola Moça, com 4.000 hectares. Tido como o quarto maior parque urbano do país, abrange percentuais conservacionistas nos municípios de Belo Horizonte, Brumadinho, Ibirité e Nova Lima. Em Ibirité, muitos são os córregos Bálamo, Barreirinho, Camargos, Fubá, Sumidouro, Taboões e Urubu, que nascem no parque estadual, e após perpassarem a área de culturas agrícolas, atravessam a zona de expansão urbana, onde se tornam poluídos, sentido Rio Paraopeba. Localizado em área de expansão urbana, Barreirinho apresenta cenários em gradativa alternância de sistemas de produção tradicional, em transição para modos produtivos mais modernos. A urbanização inicia-se no Novo Barreirinho (Figura 02), transpondo-se para os Bairros Bosque de Ibirité, Jardim Montanhês e Vista Alegre caminhando na direção dos mananciais citados.

Figura 02 - Zoneamento urbano ambiental de Ibirité: vermelho - urbanização, amarelo - áreas agrícolas, verde - ecossistemas naturais



Fonte: <https://www.ibirite.mg.gov.br/detalhe-da-materia/info/geoprocessamento/6523>

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Quando se pensa em agricultura comunitária, não se fala exclusivamente em plantio de gêneros alimentícios. A ideia é a preservação do ecossistema associado às lavouras na disseminação do conhecimento, tanto popular, quanto científico. A região do Barreirinho evidencia um conflito em franca expansão, a perda gradativa dos módulos produtivos sustentáveis, familiares, tradicionais e em sua maioria pequenos. Na região, uma parte dos agricultores se organizaram através da Associação de Agricultores Agroecológicos e Biodinâmicos da Serra do Rola Moça (AABD-Rola Moça). E assim, ancestralmente, no horizonte societário, a alimentação e a cura se concretizam com a agricultura. Apesar de indiscutivelmente sabermos dos sabores e dos saberes ancestrais acerca dos conhecimentos de cura e poder das plantas, o pragmatismo neoliberalismo capitalista ainda é um embecilho para se avançar no que se refere à confirmações científicas das provas farmacológicas e químicas já conhecidas há séculos em diferentes

partes do mundo. É preciso uma junção entre pesquisadores e concedores dos ecossistemas para se mapear os potenciais alimentícios e medicamentosos do futuro, levando-se em conta o gradativo aumento de adoecimento por fatores diversos no mundo atual. Quando vemos ecossistemas como Amazônia, Cerrado, Mata Atlântica e Pantanal retrocedendo quilômetros, por causa do desmatamento e queimadas, pensemos que ali podem estar uma espécie, cujo princípio ativo poderá curar a AIDS, o COVID-19 e outras patologias como câncer, o Alzheimer ou o Parkinson. Assim é preciso que a agroecologia, em suas duas frentes, de um lado pesquisadores e do outro comunidades produtivas se unam com vistas à melhoria da qualidade de vida, e da diminuição de males, doenças e tantos sofrimentos patológicos legitimando a agricultura e o conhecimento botânico como caminhos de um futuro mais viável para todos. A cidade de Ibirité, embora tenha perdido, suas paisagens agrícolas para a urbanização nos últimos 30 anos é um laboratório para a Grande BH. Basta destacar que no próprio Barreirinho (Figura 03) existe o Campus Ibirité do Instituto Federal Tecnológico de Minas Gerais, que poderá conduzir estudos significativos nesta área geográfica e nas temáticas interdisciplinares a ela associadas. É importante evidenciar que em Ibirité existe no Campus da Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG), o Kaipora, um significativo coletivo de estudos bioculturais em pleno funcionamento. No campus além da graduação em ciências biológicas - licenciatura são ofertados os cursos técnicos de agroecologia e agropecuária.

Figura 03 - Barreirinho tendo ao fundo a Serra do Rola Moça



Fonte: <https://gramho.com/explore-hashtag/BairrosolNascente>

Além da alimentação, o Barreirinho traz à discussão sobre a ameaça aos mananciais públicos em áreas com tendências de urbanização, em especial, Bálsamo, Rola Moça e Taboões. Dentro da visão utilitarista e consumista do tempo presente a gestão e o cuidado com água e alimentos é de suma importância. Os principais problemas relacionados à captação e ao tratamento de água para consumo encontrados em nosso país são relacionados direta e indiretamente com a desigualdade social. Grande parte da população brasileira não tem acesso à água potável de qualidade, tanto no campo, quanto

na cidade. A questão está se tornando uma questão de saúde pública e percebe-se que as gestões do municipal ao federal fazem muito pouco ou quase nada. São muito habitantes, em diferentes, regiões do Brasil que também não tem acesso ao saneamento ambiental. Assim além de infraestrutura, é necessário investir em educação sanitária, para equacionar esta situação absurda que acompanha a nação desde os seus primórdios. A água é bem comum, essencial à sobrevivência, e sobretudo, indispensável à dignidade da pessoa humana. O atual cenário dos principais reservatórios do Brasil é preocupante, a começar por São Paulo, a maior cidade da América latina, que apresenta sérias questões de abastecimento sobrecarregando seus sistemas de captação. Em termos de balneabilidade e potabilidade, cita-se a Represa da Pampulha, cartão postal de Belo Horizonte, que entre os anos 1940 e 1990, se transformou num esgoto a céu aberto, num curto espaço de tempo. A principal questão sobre a conservação dos mananciais paira simplesmente na questão de preservar a vegetação e a permeabilidade do solo, pois ambas são essenciais à infiltração da água, que escando sob o formato de córrego, será barrado, captado e drenado para os consumidores.

Fronteiras agrícolas, expansões urbanas, e área mineradas estão dizimando a ampla diversidade de sujeitos sociais estabelecidos em unidades produtivas familiares e isso precisa ser revertido. Os estudos bioculturais, bem como a agroecologia são a forma de legitimização e proteção se atores cada vez mais vulneráveis como: agroextrativistas, aquicultores, assentados da Reforma Agrária, comodatários, habitantes de faxinais e de Vilas Rurais, meeiros ou arrendatários, pequenos empreendedores rurais, pescadores, posseiros, povos indígenas, proprietários familiares, e quilombolas, É indiscutível que a agroecologia e os estudos bioculturais despontam como uma premissa quando se pensa em sociedade sustentável, uma vez que para além de conhecimento alimentares e fitoterápicos, haverá a visão do manejo sustentável do meio ambiente, a preservação e manutenção dos serviços ecossistêmicos essenciais, como ar puro e água potável. Agroecologia e Fitoterapia, incluindo o cultivo, a manutenção, o controle e a colheita, num contexto de produção responsável é a nova cadeia do agronegócio, trazendo a natureza como protagonista da discussão antes então absolutamente capitalistas neoliberais. Urge preservar os pequenos agricultores e suas paisagens de referência. É esperançoso saber que a indústria e a ciência se empreendem conjuntamente no mapeamento dos alimentos e das plantas que curam, com seus princípios químicos e de suas reações e potenciais, para que as populações tradicionais compartilhem seus conceitos ancestrais e protagonizem o conhecimento, a divulgação e a conservação da flora nacional. Esse será o marco civilizatório que tanto ansiamos: o dia em que o homem entender que a flora vale mais em pé do que derrubada. E neste contexto, Barreirinho é uma bandeira, que suas paisagens agrícolas e seus produtores locais se fortaleçam cada vez mais, para permanecerem no tempo e no espaço, vencendo os tentáculos da descaracterização advinda da urbanização desenfreada.

Figura 03 - Urbanização com tendência a verticalização em áreas anteriormente agricultáveis



Fonte: <https://mg.olx.com.br/belo-horizonte-e-regiao/imoveis/apartamento-a-venda-com-2-dormitorios-em-barreirinho-ibirite-cod-11184-774293911>

Contrapondo-se ao tradicional modelo baseado nos grandes proprietários rurais é emergencial fortalecer iniciativas de desenvolvimento territorial sustentável, para se resguardar a ampla diversidade de sujeitos sociais que legitimam o Brasil como grande nação. Neste contexto onde o agronegócio se contrapõe à pequena agricultura, o que se nota é a extinção gradativa dos modos de produção, dos saberes e fazeres, das tradições e legados condenado à extinção seres humanos e suas histórias pessoais de vida e existência enquanto sujeito social. Fora das grandes áreas engolidas pelo avanço assustador do agronegócios, encontra-se também a extinção de cultivos agrícolas, em sua maioria, familiares e tradicionais, que são expurgados, da noite para o dia, por empreendimentos minerários ou urbanizadores. É neste conteto que se apresenta, o Barreirinho, localidade rural em urbanização localizada na zona leste do município de Ibirité, na área de amortecimento do Parque Estadual da Serra do Rola Moça. Juntamente com as localidades de Bálsamo e Rola Moça, guardam as últimas áreas de nascentes e cultivos aos pés da respectiva serra.

Quando se pensa em agricultura comunitária, não se fala exclusivamente em plantio de gêneros alimentícios. A ideia é a preservação do ecossistema associado às lavouras na disseminação do conhecimento, tanto popular, quanto científico. A região do

Barreirinho evidencia um conflito em franca expansão, a perda gradativa dos módulos produtivos sustentáveis, familiares, tradicionais e em sua maioria pequenos. Na região aos agricultores se organizaram através da Associação de Agricultores Agroecológicos e Biodinâmicos da Serra do Rola Moça (AABD-Rola Moça). Apesar de indiscutivelmente sabermos dos sabores e dos saberes ancestrais acerca dos conhecimentos de cura e poder das plantas, o pragmatismo neoliberalismo capitalista ainda é um empecilho para se avançar no que se refere à confirmações científicas das provas farmacológicas e químicas já conhecidas há séculos em diferentes partes do mundo. É preciso uma junção entre pesquisadores e conhecedores dos ecossistemas para se mapear os potenciais alimentícios e medicamentosos do futuro, levando-se em conta o gradativo aumento de adoecimento por fatores diversos no mundo atual. Quando vemos ecossistemas como Amazônia, Cerrado, Mata Atlântica e Pantanal retrocedendo quilômetros, por causa do desmatamento e queimadas, pensemos que ali podem estar uma espécie, cujo princípio ativo poderá curar a AIDS, o COVID-19 e outras patologias como câncer, o Alzheimer ou o Parkinson. Assim é preciso que a agroecologia, em suas duas frentes, de um lado pesquisadores e do outro comunidades produtivas se unam com vistas à melhoria da qualidade de vida, e da diminuição de males, doenças e tantos sofrimentos patológicos legitimando a agricultura e o conhecimento botânico como caminhos de um futuro mais viável para todos. A cidade de Ibité, embora tenha perdido suas paisagens agrícolas para a urbanização nos últimos 30 anos é um laboratório para a Grande BH. Basta destacar que no próprio Barreirinho existe o Campus Ibité do Instituto Federal Tecnológico de Minas Gerais, que poderá conduzir estudos significativos nesta área geográfica e nas temáticas interdisciplinares a ela associadas. É importante evidenciar que em Ibité existe no Campus da Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG), o Kaipora, um significativo coletivo de estudos bioculturais em pleno funcionamento. No campus além da graduação em ciências biológicas - licenciatura são ofertados os cursos técnicos de agroecologia e agropecuária.

Fronteiras agrícolas, expansões urbanas, e área mineradas estão dizimando a ampla diversidade de sujeitos sociais estabelecidos em unidades produtivas familiares e isso precisa ser revertido. Os estudos bioculturais, bem como a agroecologia são a forma de legitimação e proteção se atores cada vez mais vulneráveis como: agroextrativistas, aquiltores, assentados da Reforma Agrária, comodatários, habitantes de faxinais e de Vilas Rurais, meeiros ou arrendatários, pequenos empreendedores rurais, pescadores, posseiros, povos indígenas, proprietários familiares, e quilombolas, É indiscutível que a agroecologia e os estudos bioculturais despontam como uma premissa quando se pensa em sociedade sustentável, uma vez que para além de conhecimento alimentares e fitoterápicos, haverá a visão do manejo sustentável do meio ambiente, a preservação e manutenção dos serviços ecossistêmicos essenciais, como ar puro e água potável. Agroecologia e Fitoterapia, incluindo o cultivo, a manutenção, o controle e a colheita, num contexto de produção responsável é a nova cadeia do agronegócio, trazendo a natureza como protagonista da discussão antes então absolutamente capitalistas neoliberais. Preservar os pequenos agricultores e suas paisagens de referência. É esperançoso saber que a indústria e a ciência se empreendem conjuntamente no mapeamento dos alimentos e das plantas que curam, com seus princípios químicos e de suas reações e potenciais, para que as populações tradicionais compartilhem seus conceitos ancestrais e

protagonizem o conhecimento, a divulgação e a conservação da flora nacional. Esse será o marco civilizatório que tanto ansiamos: o dia em que o homem entender que a floresta vale mais em pé do que derrubada. E neste contexto, Barreirinho é uma bandeira, que suas paisagens agrícolas e seus produtores locais se fortaleçam cada vez mais, para permanecerem no tempo e no espaço, vencendo os tentáculos da descaracterização advinda da urbanização desenfreada.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A dicotomia entre campo e cidade é um tema complexo, estudado de forma interdisciplinar entre várias áreas das ciências, em especial, a sociologia e a geografia. Historicamente, desde a Revolução Industrial, entende-se se ambas como espaços distintos com as suas identidades e características próprias. Quando os ingleses lançaram a industrialização no mundo, as urbes foram remodeladas numa reconstituição dos espaços destinados à indústria, naquilo que seria chamado de “cidades industriais”. Além de poluição, degradação e condições mortificantes de trabalho, a urbe não estava preparada para receber tantas pessoas do campo que vieram para a cidade em busca de trabalho e assim, gradativamente esses sujeitos sociais, sem instrução e qualificação, eram expulsas e expurgadas para fora desses centros. Ou seja, das partes centrais das urbes eram deliberadamente excluídos para as periferias, um fator que chamaríamos posteriormente de invisibilidade social. É interessante destacar que a industrialização associada à urbanização como nuances de um capitalismo neoliberal se ampliaram da revolução industrial para os dias atuais tendo sua ênfase no período posterior ao fim da guerra fria.

Mas qual é exatamente, a diferença entre campo e urbe e por que cidade é tida como sinônimo de progresso? Para começarmos, a discussão é importante verificar que urbe é um polo centralizador de atividades que vão além da indústria, consolidando enquanto espaço de comércio e serviços. Logo, o contexto de trabalhar e consumir conjuntos aos preceitos do capitalismo e fez da cidade, um local bastante atrativo, porque ela oferece trabalho, salário e uma qualidade de vida. A lógica circunda-se do ciclo de se consumir algo com salário ganho. A urbe permite uma certa qualidade de vida e um adequado conforto como a mobilidade, por exemplo, o que faz com que as pessoas se desloquem mais rapidamente que é também um atrativo. Quando falamos de ônibus, metrô e trem nos enveredamos para o ponto central da atração pela cidade. Da urbe brotam estereótipos que se direcionam ao campo, a demonização e percepção tão negativa das paisagens camponesas e das comunidades tradicionais a elas associadas. Tentando entender o porquê dessa relação dicotomia, é imprescindível expor que antes do advento de ampliação do agronegócio, o campo era bastante rudimentar, com populações tradicionais assentadas em terrenos familiares ou em alguns casos assentados pelo poder público e que mantinham laços coletivos básicos. Além disso, ao contrário das cidades, eram comunidades pequenas, se produz uma Agricultura Familiar feita em regime de subsistência nas quais as relações de produção e as relações comunitárias se dão com muita intimidade. Ao mesmo, nestas comunidades, a falta de um avanço tecnológico fazia com que o campo mergulhasse numa profunda paralisação.

Bom primeiramente para reverter esta dicotomia, é importante destacar a possibilidade de duas intervenções, sendo uma no espaço urbano, e outra no espaço rural. No espaço urbano, a urbe deve promover mais Equidade social, mas justiça e sustentabilidade no sentido de ser ver e reverter a degradação e a deterioração dos ambientes urbanos e dos espaços a eles associados. A cidade sempre influenciou, direta e indiretamente, as populações camponesas e isso é um dado preocupante, uma vez, que hoje, quase que unânime, a população do Planeta Terra seja majoritariamente urbana. Assim, é preciso olhar para a urbe, para os recortes urbanos com olhar especial, no sentido de se replicar ecologia, inclusão e justiça nos espaços nos quais se consolidam os bolsões de miséria e pobreza para reconhecer novas possibilidades de qualidade de vida e desenvolvimento urbano. Outra coisa importante nos espaços urbanos é um resgate dessa centralidade camponesa mediado por um projeto de intervenção que tenha no corporativismo e na agroecologia seus pilares básicos. Assim, o espaço deteriorado e degradado dará lugar a uma sinergia, ao ambiente em regeneração natural, onde a população tenha acesso à plantas medicinais e alimentos sem agrotóxicos. A mediação e troca de tecnologias e de técnicas de intervenção e cuidados com a terra decorre de intervenção voltada para os lugares urbanos habitados por populações camponesas. É importante entender que essas populações sempre se encontraram vulneráveis, no sentido de sempre mudarem de seus locais de origem, dada às condições socioeconômicas, bem como aos atrativos da cidade grande. Essa consequência é notável na história do país, onde grande parte da população camponesa, principalmente do nordeste brasileiro migrou para a urbe de São Paulo, hoje uma das maiores cidades do mundo. Assim quando se pensa em paisagem e população camponesa é primordial verificar como está a condição das populações tradicionalmente instituídas no espaço rural verificando inclusão e desigualdade social e buscando parâmetros para construção da equidade, da justiça social nesses espaços com vistas a fixação do homem do campo e promovendo novos elos de movimentação e de transformação econômica permeada pela sustentabilidade.

É relevante pensar que o homem do campo possui toda uma tradição que jamais poderá ser esquecida, tradição essa que uma vez indo para urbe poderá ser apagada. O importante é a valorização do homem camponês, de sua realidade, cultura e a sua alfabetização ecológica, no sentido de apropriação do seu território, tanto no aspecto cultural, quanto no aspecto ecológico, de maneira em que ele passa produzir e manter sua família no campo, sem criar expectativas de migração para os grandes centros urbanos. Não se fala em relação do homem do campo com cidades e vice-versa se não tivéssemos o advento do agronegócio em franca expansão, por todo o território brasileiro. Então primeiramente é importante destacar a possibilidade de duas intervenções, sendo uma no espaço urbano e outra no espaço rural através da qual se desconstrua o alto grau de desilusão sobre o mundo urbano. Reconhecer recortes espaciais nos quais se concretizam bolsões de miséria e pobreza para adotar medidas de humanização e equidade com vistas à transformação. Outra coisa importante nos espaços urbanos é o resgate das estratégias colaborativas entremeadas com projetos de intervenção fundamentados no cooperativismo e agroecologia, enquanto pilares básicos. Assim, é o espaço degradado que dará lugar a um novo ambiente com a sinergia coletiva associada à reparação social e regeneração natural. Com esta estratégia, a população tem acesso a plantas medicinais, alimentos em

agrotóxicos e mediação/troca de tecnologias e técnicas de intervenção e cuidado com a terra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mundo tem se tornado cada vez mais utilitarista e consumista e como essa nova mentalidade impacta direta e indiretamente às mentalidades, reformulando os projetos societários, nota-se uma preocupação crescente com a gestão da qualidade, com o desenvolvimento sustentável e com a segurança do trabalho, elementos que perpassam todas as cadeias produtivas. Mas do que obrigatoriedade ou consciência ampliada, tal questão tem sido inserida como moeda de troca para dar mais atratividade e visibilidade aos produtos postas para venda, consumo e descarte. Apenas isso, as três questões não perpassam pela condição de idoneidade, transparência e éticas das empresas, mas sobretudo funcionam como moeda de troca e como marketing corporativo. Produtos seguros, de qualidade e sustentáveis são mais atraentes ao consumidor, pois ele também mergulhará na falsidade ideológica do “politicamente” correto. É necessários que as três questões sejam efetivamente postas como prioridades na concepção de produtos de produtos e que sejam levada a sério, pois estamos ameaçados da próxima “desaparição”. É inteligente lembrar que os recursos naturais não são inesgotáveis e a Terra tem dado sinais alarmantes. É preciso reponsabilidade e envolvimento de todos, poder público, iniciativa privada e sociedade civil para a construção de novos horizontes.

A economia sustentável resulta em inovações na área das ciências biológicas, relacionando-se ao desenvolvimento e uso de produtos e processos nas áreas da biotecnologia industrial, da saúde humana e da produtividade agropecuária. A bioeconomia consente à coletividade dispor de escolhas tecnológicas com menor impacto socioambiental, transformando processos industriais, aumentando a produtividade agrícola. Está estreitamente ligada à procura por inovações que priorizem a qualidade de vida da sociedade. Adotando essa vertente, entende-se que uso de tecnologia de ponta com cultivares de alta qualidade genética e sistemas de produção de alta eficiência são eficazes para a bioeconomia, porém falham se não existir alinhamento na cadeia de hortícolas visando a diminuição de perdas e o cuidado com a qualidade dos alimentos. O segmento pós-colheita de hortícolas merece atenção específica e atos estratégicos por elevar índices de perdas devido à perecibilidade inerente dos produtos.

A cadeia de produtos hortícolas frescos, que abarca frutas, hortaliças e plantas ornamentais, é marcada por uma série de limitações que culminam em prejuízo da qualidade e elevado desperdício, especialmente pertinentes à deficiência de cadeia do frio, à ocorrência de estragos mecânicos, distúrbios fisiológicos e degradação microbiana agravada, ainda, em alguns casos, por conduzir patógenos que originam enfermidades ao consumidor ou pragas quarentenárias. Os prejuízos de produtos derivados da produção de hortifruti no Brasil alternam entre 35 e 40%, o que daria de modo satisfatório para alimentar muitas pessoas. Uma política para diminuição de perdas envolve pelo menos três extensões conectadas: produção, abastecimento e comercialização e consumidor final. A produção de hortícolas, bastante fragmentada com milhares de produtores em distintos regiões produtoras e não satisfatoriamente arranjados em um associativismo eficiente.

Ainda sobre a produção, não há na cadeia um elo organizador. No caso de produtos industrializados, a indústria institui os padrões da matéria-prima, o que de nenhum modo acontece no caso de hortícolas frescas. A ausência de rumo aos produtores para tomada de deliberações que acolham necessidades de produção e contêm as demandas de mercado é um dos obstáculos que colaboram para as perdas ao longo da cadeia produtiva. Considera-se também que essas perdas não se restringem exclusivamente aos frutos ou hortaliças que foram descartados. Ao se jogar fora o alimento/produto final, ao mesmo tempo são desperdiçados os recursos explorados para sua produção: solo, água, energia solar, energia humana, sementes, fertilizantes e tecnologias – com toda a pesquisa, conhecimento e trabalho empregados para originar a plantação. A segunda dimensão está no círculo do abastecimento e comercialização, conglomerando os mercados atacadista e varejista. Considerando a comercialização dos hortícolas, nota-se a complexidade desse sistema, com a deficiência de adoção de uma locução comum de mercado, a falta de padronização, determinando desconfiança e ineficiência ao processo. A centralização do varejo em grandes redes e a força do atacado indicam uma espantosa parábola e vulnerabilidade ao produtor para a venda dos hortícolas. A cadeia de transportes agencia perdas devido a fatores como estradas rurais e/ou secundárias mal conservadas; metodologia de manipulação exagerada e imprópria do produto no momento de carga e descarga de caminhões e uso de embalagens e empilhamento impróprios, além das dificuldades logísticas e burocráticas em portos e aeroportos. Outro fator crítico é a inexistência ou precariedade de cadeia de frios e do emprego de boas práticas pós-colheita, o que coopera para antecipar a perecibilidade intrínseca do hortícola, material vivo. A terceira esfera está no consumo, que envolve a instrução para um consumo sustentável. Todos esses acréscimos percentuais de perdas ao longo da cadeia colaboram de forma direta para o desperdício de alimentos e para o acréscimo do preço final do produto que chega ao consumidor. Para que o ecossistema da cultivo de alimentos labore com sustentabilidade social e ambiental, é indispensável a conexão dos distintos elos da cadeia, vertical e horizontalmente.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Vagner Luciano de. **A LEGISLAÇÃO BRASILEIRA E A FRAGMENTAÇÃO DE ECOSISTEMAS: observações pontuais a partir das paisagens dos Distritos do Parque Durval de Barros e Sede Municipal, Ibitité - MG.** Disponível em <<https://conteudojuridico.com.br/open-pdf/cj591315.pdf/consult/cj591315.pdf>> Acesso em 20. Out. 2020

FERNANDES, Debora de Oliveira. et. al. **Avaliação da qualidade microbiológica da água do córrego Barreirinho no município de Ibitité-MG. Uma comparação com o Kit Enzquik.** In: Revista Águas Subterrâneas. v. 32, n. 2 (2018). Publicada em Mai/2018. Disponível em < <<https://aguassubterraneas.abas.org/asubterraneas/article/view/29121>> Acesso em 20. Out. 2020

LANZA, DS; OLIVEIRA, DL; Val, MC. **Mapeamento temporal do uso e cobertura do solo das microbacias contribuintes com a represa de Ibitité-MG utilizando imagens de alta resolução.** In: Anais XV Simpósio Brasileiro 2011 Disponível em <

<http://mar.te.sid.inpe.br/col/dpi.inpe.br/marte/2011/07.29.14.44/doc/p0582.pdf>> Acesso em 20. Out. 2020

MAGALHÃES, Ronaldo José Ferreira. **VALORAÇÃO DO SERVIÇO DE PROTEÇÃO nDE MANANCIAS PRESTADO POR UNIDADES DE CONSERVAÇÃO**. (Dissertação de Mestrado em Sustentabilidade Socioeconômica Ambiental. Ouro Preto, MG, 2014. Disponível em < <http://conexaoagua.mpf.mp.br/arquivos/estudos/08-dissertacao.pdf>> Acesso em 20. Out. 2020

SALLES, D. M. **Composição e configuração da paisagem e proposição de corredores como ferramenta para conservação: o Parque Estadual Serra do Rola Moça, Minas Gerais, como estudo de caso**. 2013. 57 f. Dissertação (Mestrado em Ecologia de Biomas Tropicais) - Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2013. Disponível em < <http://www.repositorio.ufop.br/handle/123456789/3189>> Acesso em 20. Out. 2020

SILVEIRA, Geraldo Tadeu Rezende. **Educação ambiental na comunidade rural do entorno do Parque Estadual da Serra do Rola Moça em Ibitité, Minas Gerais**. In: Percurso Acadêmico, Belo Horizonte, v. 4, n. 7, jan./ jun. 2014. Disponível em <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/percursoacademico/article/download/5775/8558/0>> Acesso em 20. Out. 2020

SITE PENSAMENTO VERDE. Economia Verde: diferença entre economia moderna e tradicional. In: adaptado de Disponível em <<https://www.pensamentoverde.com.br/economia-verde/diferencas-entre-agricultura-moderna-e-tradicional/>> Acesso em 20. Out. 2020